

■ O FACEBOOK PREPARA O SEU PRÓPRIO "DINHEIRO"

Que futuro reservam as criptomoedas!?



O Mundo está cada vez mais virtual e a economia também. Estudos indicam que as pessoas passam 80 por cento do seu tempo preocupadas com o trabalho e ligadas às redes sociais; dedicam apenas 10 por cento ao lazer e a mesma percentagem à família. Num Mundo assim, as finanças tinham de seguir o mesmo caminho. Pequenas empresas surgem e proliferam; multiplicam-se as grandes companhias, marcas famosas, que não se deixam ficar pelas moedas habituais e partem em busca do seu próprio dinheiro

Oswaldo Gonçalves

O “não vá, telefone” virou “não vá, tecele” e já há quem peça um copo de água da cozinha por SMS. Imagens de pessoas no comboio, autocarro, restaurante ou bar da esquina que, ao invés de conversarem entre si, fazem-no pelas redes sociais correm o Mundo. A mesma situação invadiu os lares: maridos e mulheres que só se comunicam por mensagens, pais e filhos, que desconhecem as vozes uns dos outros, colegas de serviço que, numa mesma sala de trabalho, trocam SMS ou “falam” pelo Messenger.

Aparelhos antes corriqueiros, como o interfone, deixam de fazer sentido, porque a comunicação entre chefes e subordinados, nas empresas, entre moradores e visitantes, nos prédios e condomínios, e até entre vizinhos é feita por telefone celular.

Para ir às compras, quase ninguém leva dinheiro. Até já há quem use cartão multicaixa para tomar um café e comer um bolinho. Nos transportes públicos, as bilheterias estão cada vez mais vazias e nos estádios de futebol e casas de espetáculos, as vendas online ultrapassam o número de ingressos pelos velhos bilhetes.

O que muitos fazem primeiro ao acordar é verificar se não há nada de novo no celular, no tablet ou no computador, antes de lavar a boca ou dar “bom dia” a quem está mais próximo. Até o namoro se tornou virtual.

Num Mundo assim, as finanças tinham de seguir o mesmo caminho. Pequenas empresas surgem e proliferam; multiplicam-se as grandes companhias, marcas famosas, que não se deixam ficar pelas moedas habituais e partem em busca do seu próprio dinheiro.

A 18 do mês passado, o Facebook anunciou a criação da sua própria criptomoeda, a Libra, que deve entrar em funcionamento no próximo ano. Outros gigantes da tecnologia como Visa, Mastercard, Uber e PayPal juntaram-se nessa empreitada e na criação da Libra Association, organização sem fins lucrativos que será responsável pela administração e implementação da moeda. Mark Zuckerberg, criador do Facebook, anunciou

na sua página que a missão da Libra é “criar uma infra-estrutura financeira global que vai empoderar bilhões de pessoas no mundo”. Tem como princípios a facilidade de acesso aos serviços e o seu baixo custo, grande acesso a um smartphone e ligação à Internet.

O objectivo dos criadores é utilizar a plataforma de 2,4 mil milhões de usuários da rede social para popularizar as transações com criptomoedas.

Reacções ao anúncio

O anúncio da criação de uma criptomoeda pelo Facebook provocou uma alta no valor da Bitcoin, que ultrapassou os 13 mil dólares a unidade na terceira semana de Junho. Apesar das oscilações, os investidores em todo o mundo voltaram a interessar-se pelo activo.

Os primeiros passos a dar são a criação e uma subsidiária independente chamada Calibra e de uma “carteira digital”,

para armazenar o dinheiro. O capital estará disponível no Messenger, WhatsApp e num aplicativo independente, a ser criado no próximo ano. Tal aplicativo também permitirá transações com um baixo custo para qualquer pessoa com um smartphone.

O Facebook anunciou ainda o plano de se alargar a outros sectores do mundo de pagamento, para que as pessoas e empresas paguem contas de forma simplificada e

até mesmo substituam a utilização de bilhetes de transporte público.

A Libra Association anunciada pelo Facebook deverá funcionar com o uso blockchain e ser independente, administrada pelas 28 empresas pioneiras do projecto. A associação espera ter mais de 100 sócios, que, através do adiantamento de 10 milhões de dólares, devem arrecadar mil milhões no primeiro ano.

A volatilidade das criptomoedas

O que mais se destaca no mundo das criptomoedas é a volatilidade. A Bitcoin é uma das primeiras formas de concretização desse conceito de moeda descentralizada, descrito originalmente por Wei Dai, em 1998.

Os entendidos referem que a Bitcoin destaca-se pelas propriedades tecnológicas superiores e a neutralidade da rede. Segundo dizem, nenhum administrador ou programador pode controlar a emissão (causar inflação e deflação) de bitcoins devido à sua natureza descentralizada.

A 18 de Agosto desse ano, foi registado o domínio “bitcoin.org” e, em Novembro, Satoshi Nakamoto publicou o estudo “Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System”. Nakamoto é apontado como o seu possível inventor, razão pela qual os utentes são às vezes chamados “clientes Satoshi”. Em 2009, ele mesmo lançou o primeiro software

de carteira, a Bitcoin Core.

As transações são processadas dentro da rede peer-to-peer sem a necessidade de um processador financeiro como intermediário para os participantes da rede. Tais operações são praticamente gratuitas, excepto pela taxa opcional de transação, que serve para dar prioridade ao processo. Nos casos em que seja necessária a conversão de moedas fiduciárias para bitcoin e vice-versa, ela é feita em sites de câmbio bitcoin.

Controlo da inflação

As moedas fiduciárias correspondem a qualquer título não-conversível, isto é, não são lastreadas a qualquer metal, como ouro ou prata, e não têm valor intrínseco, advindo este da confiança que as pessoas têm em quem emitiu o título. A moeda fiduciária pode ser uma ordem de pagamento, títulos de crédito, notas, entre outros.

Desde o século XIX e até à Primeira Guerra Mundial, vigorou o sistema padrão-ouro, também chamada teoria quantitativa da moeda. Elaborada por David Hume, em 1752,

sob o nome de “modelo de fluxo de moedas metálicas”, destacava as relações entre a moeda e níveis de preços.

Os países superavitários sofreriam processos inflacionários, enquanto que nos deficitários os preços mover-

se-iam em sentido inverso, até que se restabelesse o equilíbrio, no dizer de um renomado economista do nosso tempo. A História refere que, desde a substituição do ouro-padrão por moeda fiduciária, o resultado foi catastrófico, com hiperinflações, o que levou à adopção de um sistema de câmbio flutuante.



Críticas à Bitcoin

A Bitcoin é alvo de críticas desde o início de sua adoção, que envolvem episódios reais, projecções de mercado e falhas de design. Entre os críticos da Bitcoin, encontram-se ex-usuários, tecnólogos, economistas e políticos.

As principais censuras têm a ver com uso de blockchains, sistema que, ao contrário dos bancos centrais, usa um conjunto de regras determinadas pela governança de código aberto.

De forma geral, as críticas às criptomoedas giram em torno da sua volatilidade. Em Dezembro do ano passado, foi divulgado que, ao longo de 12 meses, o mercado de moedas digitais havia desvalorizado 645 mil milhões de euros (88 por cento), o que foi tomado como o início do apocalipse desse tipo de dinheiro.

Outras críticas têm a ver com a ligação entre as criptomoedas e a dark web, terreno usado por todo o tipo de criminosos para a lavagem de dinheiro e fuga ao fisco. Aliás, o que mais se alega é que, se as pessoas usarem bitcoins, em vez da moeda estatal, o Governo não conseguirá “tributá-las” nem dar um “calote” através do “imposto” inflacionário.

O anúncio do lançamento da sua própria criptomoeda pelo Facebook também foi objecto de críticas e reparos mais diversos. Joseph Lubin, cofundador do Ethereum, uma plataforma descentralizada, capaz de executar contratos inteligentes e aplicações descentralizadas, usando a tecnologia blockchain, disse que a Libra é como “um lobo centralizado em pele de cordeiro descentralizado”.

Num texto publicado no site de notícias “Quartz”, a 21 de Junho, Lubin disse ter analisado o whitepaper da criptomoeda e concluiu que a sua introdução parece uma epifania que muitos detiveram quando aprenderam sobre a Bitcoin. Para ele, “enviar dinheiro para todo o mundo deve ser tão simples e barato quanto enviar uma mensagem no seu telefone”.

Mas “a infraestrutura financeira deve ser globalmente inclusiva e governada como um bem público.” Acrescenta que, apesar da alegação do whitepaper, as pessoas confiam mais em formas descentralizadas de governar. Embora considere que há necessidade de os usuários confiarem na moeda e no apoio de títulos do governo, deixa claro as suas reticências:

“Talvez o mais importante requer a nossa confiança de que a Libra eventual-

mente fará a transição para um sistema mais ‘sem autorização’, descentralizado, pelo qual qualquer um pode validar a rede, em vez de manter o controle nas mãos das 28 empresas iniciais.” Lubin referiu, entretanto, que a experiência do usuário com criptomoedas pode ser melhorada durante a sua evolução:

“De uma só vez, talentosos designers de UX poderiam reduzir o atrito actual do uso da criptomoeda. Gerenciar chaves privadas, entender ‘gaspayments’ e instalar plug-ins de criptoativos pode ser tão simples quanto pressionar ‘enviar’ no WhatsApp, outra entidade pertencente ao Facebook.”

Suspensão?

Por outro lado, legisladores norte-americanos pediram que o Facebook suspendesse o lançamento da Libra. Em carta enviada à empresa, o Comité de Serviços Financeiros dos Estados Unidos disse querer analisar antes os riscos ao redor da segurança cibernética, mercados financeiros globais e preocupações de segurança nacional. Os legisladores afirmaram na carta que o novo sistema financeiro do Facebook poderia rivalizar com o dólar, o que levantaria “sérios problemas de privacidade, comércio, segurança nacional e política monetária, não apenas para os mais de dois biliões de usuários do Facebook, mas também para investidores, consumidores e a economia global”.

“Se produtos e serviços como estes forem indevidamente regulamentados e não tiverem supervisão suficiente, podem representar riscos sistémicos à estabilidade financeira dos EUA e do mundo”, escreveu Maxine Water, deputada responsável pelo Comité de Serviços Financeiros.

O mercado de criptomoedas abanou também após o Presidente da Reserva Federal dos EUA, Jerome Powell, ter expressado “sérias preocupações” sobre as moedas digitais, nomeadamente, sobre a que se prepara para ser lançada pelo Facebook.

Powell disse que “a Libra levanta sérias preocupações relacionadas com a privacidade, lavagem de dinheiro, protecção dos consumidores, estabilidade financeira”. Com isso, a Bitcoin, criptomoeda mais conhecida, caiu oito por cento após o comentário.

Alguns entendidos referem que investir em Bitcoin é para pessoas interessadas em entender além do básico, por ser um conceito novo. Além de dinheiro, o negócio pede tempo e um interesse genuíno em conhecer a moeda de forma profunda. Ser um investidor em Bitcoin, dizem, é ser um entusiasta em moeda digital.



Promessas de riqueza

Em Angola, as criptomoedas são ainda relativamente desconhecidas. Quando abordados, jornalistas e economistas afirmam nada saber a respeito. Nas redes sociais, as poucas páginas disponíveis, a anunciar empresas e escritórios, não respondem a qualquer contacto feito pela Internet e os números de telefone indicados não estão atribuídos.

Nessas páginas, alguns usuários manifestam as suas dúvidas e alguns chegam mesmo a ameaçar denunciá-las. Entretanto, essas casas continuam activas. Apresentam-se como primeiras exchange de criptomoedas em Angola e fala-se em depositar kwanzas e negociar crypto, bem como em retirar os ganhos em moeda nacional.

As principais questões residem em saber como fazer esses negócios. Os actos públicos realizados até agora dão a impressão de que visarem apenas a propaganda das marcas, algumas das quais com

histórico de envolvimento em situações menos claras noutros países, em vez de explicarem o “bê-a-bá” da matéria.

Como seria de esperar, promovem-se as criptomoedas, indicando que vão ser as principais a serem utilizadas em todo o mundo, porque, com a evolução tecnológica resgatada nos últimos anos, fazendo com que se tornasse uma importante aliada do sector bancário, que agora, além do Internet Banking ou do menu interativo, surge a Bitcoin, que, dizem, tem caído nas graças dos investidores e dos bancos em geral, pois oferece vantagens.

As criptomoedas propostas são comparadas ao dólar, euro ou yuan, enfim, a moedas com cotação no mercado mundial. Os depoimentos que se podem encontrar na Internet são feitos num discurso apelativo, igual ou parecido com o usado pelas

igrejas evangélicas e pela maioria dos autores de livros de auto-ajuda. Além disso, são usados termos intrigantes, como, por exemplo, “mineração de criptomoedas”. O processo descrito e assim sugerido contempla o uso de equipamentos caros e custos de electricidade altos. Além, naturalmente, de muita paciência e disponibilidade de tempo.

O baixo custo da energia em Angola é apresentado como uma vantagem para os usuários – denominados “miners” – em Angola, além de que as criptomoedas podem ser usadas como divisas.

Sobre segurança, diz-se apenas que é preciso os utentes evitarem riscos e violações, adoptando para isso as adequadas medidas para a segurança das informações.

A reportagem do *Jornal de Angola* encetou contactos para ouvir uma versão oficial sobre o assunto, mas todas as iniciativas foram goradas.

